



FOLHAS AGRESTES

(Collecção de versos)

FOR

Joaquim Filipe Nery Soares Rebello

ADVOGADO,

REDACTOR PRINCIPAL DO JORNAL "O INVESTIGADOR",

SOCIO CORRESPONDENTE DA "SOCIEDADE DE GEOGRA-

PHIA DE LISBOA" E HONORARIO DO "ATHENEU

LITTERARIO DE NOVA-GOÀ"—ANTIGO

PROFESSOR LIVRE DE CALLIGRAFIA

E DESENHO



MARGÃO

TIPOGRAPHIA DO "Investigador"

1895



A SAUDOSA

MEMORIA

do seu pae

CAETANO de ROSARIO SOARES
(ADVOGADO)

Nascido em 1841 e falecido em 1879

E da sua mãe

ANNA JOAQUINA M. E. REBELLQ

Nascida em 1847 e falecida em 1885

E do seu tio

DIOGO M. VICENTE REBELLQ

Nascido em 1835 e falecido em 1882

D. E. C.

O AUTOR

IDEIAS PREVIAS

Caríssimos leitores:

Não é a vaidade o que nos leva a formar uma collecção completa das nossas humildes poesias que, desde 1889 até ao presente, teem andado dispersas em alguns folhetos e varios periodicos do paiz, da metropole e d'outros pontos, mas simplesmente o desejo de expurgal-as de inumeras incorrecções metricas e typographicas com que sahiram, muito a nosso pesar, já por descuido nosso, já pelo dos respectivos revisores.

Ha, sobretudo, uma e outra poesia em que introduzimos consideraveis modificações de versos, acrescentando uns e diminuindo outros.

Não obstante os esforços empregados para uma correccão rigorosa, somos primeiro a confessar que este trabalho está repleto de muitas imperfeições. Infelizmente, tambem a revisão não pôde ser escrupulosa, em vista da pressa com que vas elle impresso.

Para estas e outras deficiencias appellamos desde já á vossa benevolencia, e esperamos ser desculpado.

Oxalá este folheto que encerra os nossos humildes ensaios, vos sirva de uma lembrança, embora insignificante, da empreza do *Investigador*, no fim do 1º anno da sua existencia.

E adeus, leitores, até ao outro anno, se a Providencia o determinar.

Margão, 31 de janeiro de 1895

J. F. Nery, J. A. Pires, Rebello

Ó MENDIGO

Segui a caridade, anheliai aos
dons espirituais.

(I-CORINTH. CAP. XIV, v. 1.)

O mendigo é o opprobrio da
humanidade; protegei-o...

(C. DE BOUAFR—*Viagens*)

Myrrado o velho, solitário, triste
Ei-lo sentado à mendigar mesquinho
(*Harpa do Mondego*, PAG. 108)

Foi em um dia de dezembro.
P'ra minha humilde morada
regressava—bem me lembro—
d'uma distante jornada.
O sol dardava ardentes
e dera meio-dia sómente;
o caminho 'stava deserto,
e eu cansado m'albergava
á sombra d'uma arv're brava;
quando ouvi um grito ao perto.

Olhei em todas posições,
e fitei de lado a lado,
dizendo co' os meus botões:
—“hav'rá n'este descampado
alguem?” — e corri direito
p'r onde o grito veio. De feito
descobri, meu Deus, de mão
supplicante o vulto tetro
(que me par'ceu um espetro)
d'un homem que pedia pão.

Enrugado e mais que velho,
'posta ao sol a fronte calva,
trazia fracturado o artelho,
a cor nem preta nem alva,
o corpo sobre muletas,
firmado á guiza dos Getas,
e um cão qu'aos seus pés dormia
mui languido, sorno e esqualido,
completava o quadro pallido.
Sabe Deus o que sofría!...

Uma febre abrazadora,
a par da sua fome intensa,
dava-lhe afinal n'est' hora
cadaverica presençā;
ausente de sentimento
pulsava o seu coração lento,
tranquillo e todo embotado.
E elle, porom, co'anciedade
espírita na eternidade
conforço p'ra seu mal-fado.
Põe a perna sobr' o esteio
descoberta ao caminhante,
que à magua sua passa alheio,
pretexendo... e segue adiante...
E ninguem lhe deita um cobre,
Que dura sorte a dc pobrei
.....
Não lhe sentem os lamentos
nem olham os seus tormentos
— esses filhos da errupção!
Oh, mesquinhos! Este velho
mendigo hoje, foi ditoso
outr'ora, qual esc'ravelho,
e um soldado valeroso;
tinha mulher e um bom filho,
boa morada e todo o brilho
da ventura. A mãe do fado,
pois, um dia chamou-lhe ao campo
da guerra, e elle qual p'rlampo
voou logo ao primeiro brado!
Já não era da liberdade,
n' estes que na sua passagem
espanham a imensidão
do céo e do mar a v'rágem;
e o bravo e nobro soldado,
á patria tão consagrado,
esqueceu da sua família
e arrostou o prigo; — eis quando
a inimiga bala pousando
na perna levou-lhe a tibia!
Mais de tres annos durou
a sangrenta e dira p'leja,

o bom de mil'tar voltou
p'ra o lar — como quer que seja —
antes côxo, mas contente,
em demanda da sua gente
que elle tanto idolatrou.
Mas... a esposa havia morrido...
... e a casa?... vitima sido
d'um negro raio qu'a abrazou!

E elle, coitado, na terra
— qual cedro a veg'tar sózinho
n'uma alcantilada serra —
está a mendigar mesquinho.
Eis do pobre a curta historia
que me restou na memoria.
Deitae ob'lo da caridade
ao inflix que abreviou a vida
pelo amor da patria qu'rida,
O'onagros da felicidade!

Não voteis ao menospreso,
viajores, o seu fadario;
abandonae o ruim vôzo
d'avar'za, erguei o sudario...
E vós, filhos da opulencia,
vêde o martyr da indigencia,
e escutae-lhe as afflícções...

.....
E eu deitei esmola ao pobre
e voltei cheio de impressões!!!

1893 (*A Família Portugueza*, de
Lisboa no. 19)

O CIUAME

Em um coração que ama verdadeiramente, ou o ciúme mata o amor, ou o amor mata o ciúme.
(Paulo Bourget)

Morbi perniciores pluresque sunt nimis quam corporis.

(Cicer-Tuscul. III)

Ciumel oh que feia, malizada e nojenta
vibra que ao peito humano lá se encosca
o tom, à feição d'uma febre lenta,
dos olhos co'a luz fosca!

Ciumel... fogulha que teiu incendiado
os cosfes que se albergava o Amor;
é fera que a paz do lar tem devorado
com seu negro furor!

E' vil palíujo do jardim do Averno,
transplantado na terra por malditos
demonios, e accudidos pelo Eterno
no meio de pranto e gritos!

E' forunclo vivaz da Sociedade,
onde o rosulgar e a pedra infernal
não tem ação; é hydra d'Impiedade
arrevesando o mal!

E' thema necessário para os poetas
e os romancistas sem grandes rodeios
abocarem solhos e historietas
dos rums galanteios!

E' vendaval, é horrida tormenta
que naufragar da Vida o plumeo esquife,
tenta com violencia; é onda sedenta
que lançou ao recife!

E' nefanda bôceta da Pandora;
incenso das paixões queimado ao lume;
de todas as attracções a péria:

—eis o que val o Ciumel
1894 (O Indispensavel, no. 8)

DIA DE FINADOS (MINIATURAS)

N'este dia se offrece a Deus orações
solemnes por todas as almas do
purgatorio, mostrando assim que
a egreja triunphante, a egreja pa-
decente e a egreja militante estão
unidas pela mais estreita caridade,
e constituem uma só egreja de
Jesus Christo.

(Pe. Schouuppe—Moral, cap. IX.)
Que de morts entassés et pressés sous la terre
Le nom bre ic n'est rien, la foule est solitaire,

(Lemierre—Les Fastes)
.....Do templo no meio
alto e negro estrado se levanta

Triste e da cõr dos tumulos. Em cima
Poisava um athenále.

(A. Garrett.—Camões.)

IONEX

—“Mas o dobrar da torre, aquelles sinos
não fallaram comigo?.....”

LEONOR

—“Mui timida sois vós! agora o vejo!
porque um siso tocou, já são desastres!”

(A. F. de Castilho—N. do Castello.)

Ai! minh' alma, que luctuoso dia!
Qu'eormes amargores e pesares
de opprimir não vem hoje os nossos lares?
Quanta deve ser a tua melanch' lia!

Dobres plangentes do alto do camp' uario
ao divino templo os fieis convidam;
e como os nossos corações não pulsam.
(ai!) ante o afanido funeralio?

Um silencio raro 'hi reina na gente...
não se respira 'hi senão dô e luto;
todos olham p'ra o altar impolluto,
ouvindo missas por ALMAS sómente!

Ao cabo d'esta e outra s'lemuidade,
uma procissão d'irmãos e de pulchros
levitas, lá vas benzer os sepulchros
e visitar dos mortos a cidade!

N'esta mansa? a qui, um goivo ou cipreste,
largo pranto; suspiros desutadus,
de dôr a alma e o coração varados...
será, Meu Deus, vida ou visão celeste?

Acolá, carpe pelo esposo morto
uma viuva sobre a loisa ajoelhando...
(Oh! quadro assaz tocante e miserando)
e a sua magua demanda algum conforto!

Alfim todos os fieis hão voltado
para casa com impressões funestas.
Oh!, que direi? 'pôz estas MAGNAS festas,
se elles se lembram (ou não!) do finado?

1892 (Boletim Indiano, vol II, no. 22)

EXPERTEZA DO BEBADO

O ebrio está fôra da lei.

(Esch.—Filh. da Fé, t. 3, pg. 96]
nem os que se dão a bebe-

dicas, não de possuir o Reino de Deus
(I. Corinth., cap. VI. v. 10)
Negligere quid de se quisque sentiat, non
solum arrogantis est, sed etiam omni ino di-
soluti;

(Cicer.—Tuscul III)

Um Ligeirilhas de nome João Perez
que é marujo aprecia mais do que a sua saúde,
pra apagar a canina sede meio-almude
—com grande esgar de boca—pede do Xoroz,
Não cogita que só de doente tem um mez,
nem que o calor da bruega ruim lhe illude;
e doutor visita-o e diz:—“peiorou a saude, ...”
e a mulher.—“por dia chupa ola garrafas tres,...”
Assim o Ebrio despreza a med'cina e a doença
t'aggravá; adeja a Morte; a consorte e os filhinhos
a chorar; chama-se o cuta—fanal da Orença.
“ruim—diz este—abjurares teus vis pecoadinhos?”
“Ora, se no céo—replica o fanfermo—como se pensa
de tudo, ou... lá beb'rei, sim, os melhores vinhos!...”

1894

(O Divan Litterario, no. 6)

III CIRCA CA O R O MONTEUR

(Miniaturas)

Elle disse e foram feitas as consas;
elle mandou, e ellas foram creadas.
[PSALM. CXLVIII, 5]

Todo este universo foi produzido por
uma só palavra do Creador, por um
simples acto de sua vontade omni-
potente.

[SCHOUPEP—Dogmatica, c. IV, ART. I.]

No principio da criação do mundo
era tudo matéria abandonada;
imperava-a calios mesto e profundo,
envolviam-n'n aguas sem morada.
Não havia céreos; a terra era una
das soberbas alfombras de verdura;
não briliava no céu nem sol nem lúa;
demorava perpetua noite escura.
Mais... s'ouve a voz de Deus, e do nada
vai-se a luz, s'arrefece a cerração
e astros resplandem na cerulea esfera!

Muito alegre gorgeia a passarichada,
forma-se o mar com toda a perfeição;
animas, plantas, oh! tudo prospera!

...finalmente veio o homem
e foi o homem o primeiro
e ne começou a não caber.
(PE. VIEIRA,—Sermões)

Peço-lhe ter criado o homem
na terra.....

(GENESIS, Cap. VI v. 6).

...Neste terreno fértil crescia tudo
quanto pôde lisonjear a vista, olfato
e gosto. No meio se levantava a arvo-
re da vida, da qual corria a ambrosia,
de um outro líquido. Não longe d'abi
estava a árvore da ciencia do bem, e
do mal; ciencia que tão cara nos custa;
árvore fatal, cujo fruto produziu a
morte

(Milton.—Paraíso Perdido, liv. IV)

Ora no meio d'este app'rato pensou Deus
fazer a imagem sua uma criatura
que exercesse as funções de prefeitura
sobr'outros entes—co'entrada nos céus.

Alfim apparceu o homem que em tropheus
foi collocado d'Eden na espessura;
p'rein, como só vivia, Deus com ternura
deu-lhe uma mulher,—flor d'estes Gyu'caus!

Mas o homem tornou-se desobediente
provou a fructa vedada polo Eterno:
—então se viu das d'licias todo ausente
e abatido o seu orgulho superno.....
Assi'o infliz morreu legando sómente
a seus posteros as penas d'inferno!
(Almanach Litterario do sr. Rego, 1894)

NA PRIMAVERA

Nos campos a risonha Primavera
Já prolonga o matiz do verde manto
(M. Bastos—Est. do Anno, cant. I)
E a primavera a estação das flores, que entao bro-
tam por todas as partes e doram-nos montes
e prados um cheiro muito suave.....
(Roquette.—Livr. d'Ouro, pag. 174)

What prodigies can Power Divine perform
More grand, that it produces year by year,

And all in sight of inattentive man?

Oh! na primeira estação do anno as flores
contendo sciva pura
são mais vistosas e cheias d'cores;
teem copiosa frescura!
O céu, sem brumas, de túnus pintado
—cores primaveras,
é o xairel que envolve o dorso escalvado
das serras coloescas

As campinas se vêem mais pictorescas
com gala das verduras;
na brenha à turba alada ensaias frescas
e lindas partituras!

Brinca a oressa nas copas das palmeiras
e robles levantados;
cardumes de "dipteros" nas valleiras
beijam lizes nevados

O mar sereno envia lá do seu bojo
uma gostosa toada;
Elo suspende a vil fúria e o arrojo
da soberba lufada!

Assim:—na primavera as castas flores,
a ave, o insecto, e o bruto,
prados e fontes rompem-se em louvores;
—prestam a Deus tributo!.....

1893 (Gazeta da Índia no. 42)

AS MÃES

[CONTRASTE]

Bienfait du créateur qui daigna nous choisir
Pour première vertu, notre plus doux plaisir

(Florian — Ruth)

A mãe é um poema de sensibilidade, um infindo
canto de amor, uma fonte perenne da tolerancia
(P. Eschrich — Mulher Adult. t. 3, pag 45)

Nunca se viu cá no mundo nenhuma criatura,
nunca se encontrou nome tão cheio de ternura
como o da—Mae

E' boa mãe a que sempre estreita
o filho (que é para ella a obra mais perfeita)
ao regaço onde ha sollecitude e vida!
Oh! não é nenhuma mãe—porém mulher perdida—

a que a loira creaça abandona ou sujeita...
e não pôde ser MÆ quem partilhar rejeita
os d'veres da moral-mimos indispensaveis;
Contraste sem igual, leitores mui amaveis;
observamos entre uma e outra genetrix;
a primeira deseja ver sadio e f'lix
o FILHO—seu amor, seu adorado erario
P'rém a segunda longe d'isso; p'lo contrario
corrupta como é, fal-o enjeitar sine cura
no canto d'uma esquina immunda, vil'e escura;
julgando esquivar-se...

Ah, sancto Deus, que sorte

Uma prima p'ra virtude—condão sublime,
outra não passa de filha d'um alto crime;
esta, toda pezar, miseria e paciencia,
em quanto aquella tem a paz da consciencia

(A Colonia Goania, vol. I, no. 52)

O PRANTO DE MARIA

Entretanto estava em pé junto à
Cruz de Jesus sua mãe.

(Joan. cap. X.IV. v. 25)

I

A sombra do discip'lo San João,
trazendo cruel e lata saudade
penetra sem dô nem humanidade
no casto seio da virgem de Sião.
Vem erguer o véu que cobre a feição
d'essa Mãe abysmada na soiada,
que padece terrivel orphandade
p'ra desfazer a nossa MALDICAO!

Fita n'um olhar triste, lacrimoso,
Maria o SALVADOR sobr'o madeiro;
—cumplice do deicidio horroroso:

Sendo Mãe vê o Filho no cruceiro,
exgottando o seu sang ue tão precioso;
é sim'le d'um algoz ou embusteiro!

II

Coitada! como padece!
Quão enorme é o seu tormento!
D'horror Ella s'estremece
toda enfiada e sem alento...
Chora, lamenta; e lhe envia
lá do seio a convulsão;

— indizivel agonia
de seu afflito c'raçao
Oh que mysterio se cõa
no seu peito delicado !
parece que se lhe voa
o espirito lacerado !
Vê co'os lacrimantes olhos
uma cabeça sagrada,
com medonha c'roa de abrolhos
qu'a deixaram macerada.

Repara d'aço os tres agudos prêgos
que seguram de Christo no patibulo
o corpo donde o sangue cae a regos,
tingindo de dô o chão e o vestibulo.
E tão levada de seu desamparo,
pallida, desditosa, descons'lada,
ao seu bom filho um pranto mui amaro
Ella, porem, envia muito à calada;
“Porque m'abandonas, filho,
“aos excessos d'essa dor,
“que impannou de vez o brilho
“do fructo do meu amor ?
“Ah ! fi lho, porque ao teu lado
“me não vejo crucificada? ...
“Porque, filho desgraciado,
“a tua Mãe é despresada?...”

Eis Ella o seu cabello basto espalha,
vendo na cruz levantada
por aquella vil e ingrata canalha
a victimâ, abi pregada

Eis proprio Ella se firma de pé
e já co'as mãos cruzadas
procura accender a CANDIDA FE,
pelas almas condemnadas.

Eis a mulher sem o or'ginal labeo
com uma chave doirada
em attitude d'abrir-nos o céo.
— a nós raça malfadada.

Oh como Ella não comprime
o seu peito já rasgado ?
Qu'espectaculo tão sublime
não offerece este estado?
Infinito... a dôr lhe cresce
Ella morre... mas tem vida,
delira, sim, desfallece,
mas não fica feneida !

Ai ! tem tamanha agonia
no patibulo Jesus;
ai ! outrotanto Maria
é martyr ao pé da cruz /
Oh abandono ! oh saudade !
Oh dor peior qu'uma morte !
Por AMOR d'humanidade
a Mãe de Deus tem crû sorte!
1891 (O Ultramar, no. 1869)

AMOR DE PETRACHA.

Amor che nel pensier miò vive e regna
(Petrarcha—*Hymnos*)

Admiraes, gentes, o vate gigante
que ha cinco sec'los p'ra lousa desceu,
vibrando na sua lyra fulgorante
cantos cuja fama inda não morreu.

Ah ! Petrarcha ! foi só tua cara amanta
La ura que inspirações te forneceu,
como, sim, foi ao gébelino Dante,
Beatriz, um perfeito anjo do céo.

Subiste a ladeira ingreme da gloria
souhando amor, cobiçando a div'nal
e alta c'roa que te preparou a Historia
Mas que importa poeta ? O amor fatal
de ver Laura penou-te sem memoria,
mas em paga te deu vida immortal!

(Almanach de Recreio do sr. Coelho, 1893)

A MADRUGADA

El sol iba a nascir: su lumbre pura
Doraba los lejanos horisontes,
Y vibrando en las crestas dè los montes
Rasgaba su luciente vestidura.

(F. VERA.)

..... o sol veio destruir as trevas...
A terra cobriu-se de harmonias, de
cores a de poesia.

[Escrich.— *Mulg. Adult.* t.I pag.155]

..... O dia representa o poder e a
força de Deus.

(Idem— *Martyr do Golg.* v. I, p. 45)

Do plomoso lyr'co o trine
enviado ao romper do dia,

É um verdadeiro d'lírio;
É manancial da poesia!

E' hymno da natureza
authorizado por Deus;
— hora tão meiga e brilhante
que deleita a terra e os céus.

No calice da açucena
brilha um bago de crystal;
tudo é alegre, e sublime,
tudo — aroma matinal!

E do prado as margaridas
aos arrebóes se despertam;
então — que eloquente scena!
que d'amores não segredam! ?

Geme p'lo vallado o arroio
em forma d'uma serpente,
e as varzeas qu'o circumdam
nutrem-se da sua agua algente

Emfim o sol apparece
no seu rico leito d'ouro;
eis a creaçao se aviventa,
anima-se o vil besoiro.

Ora, — aqui um pegureiro
condus toda a sua manada
(em que deixou a sua vida)
do monte a verde explanada;

Mais alem um pescador
saúda os albores do dia,
voga o seu batel e parte.....
Oh! seja Deus o teu guia!

E acolá o rude pastrano
co' o duro alvíssimo nos hombros
vae cavar predios e veigas,
nivellar grand'ras e sombros.....

Eis o que sempre sucede
ao despontar d'um bom dia;
reina no ceu e na terra
inébriante harmonia!

1893 | (Leituras Amenas, no. 16)

— O —
ES ASSIM!...

(no album d'uma senhora muito caridosa)

L'amour, la Charité divine
Eternelle en son origine
Ne connaîtra jamais de fin.
(J. Racine — Cantiq. Spirit.)

Senhora: és um Archanjo de pureza,
— d'uma pureza virginal,
sando n'este globo, c'z bem sei...;
prendas rutilam com clareza
e tanto esplendor divinal,
brilha fulvo dos astros o rei!
Jesus netos te revestem de brando osculo
oh! que face orde tão meigo e fino!
o cand'rosa qual mãe de Jesus
da humanidade o melhor vinculo,
amigo e jamais mosino;
virtudes és fôco d'aurea luz!

S' da philantropia o rico ólo,
o pobre apanha em ti o pão.
arca da paz, de boa harmonia,
sim'da viuva das viuvas o modelo;
E quem te nega este condão
na tristesa é o mytho d'alegria?

Assim tu: — és Archanjo da pureza,
— d'uma pureza virginal,
sando n'este globo, c'z bem sei...;
prendas rutilam co' n' clareza
e tanto esplendor divinal,
brilha fulvo dos astros o rei!

1891 [O Tribuno, no. 8]

A BORBOLETA

(Idyllio matinal)

Une main toute-puissante les a semés
avec profusion, pour nous étonner par
une magnificence qui ne lui connaît
rien.

(FENELON — Réflexions, sur la Religion)

Le papillon est plus beau et mieux
organisé que la rose.

(BERNADIN. DE S. PIERRE — Harmo-
nie de La Nature)

What is a butterfly? — at best
He's but a caterpillar drest

(Encyclopædia Britannica pag. 263)

Les lépidoptères sont des insectes
dont les mâchoires sont transformées
en une trompe roulée en spirale, et
dont ailes, au nombre quatre, sont

reconvertes de fines écailles sembla
bles à de la poussière es très diverse
ment colorées

[J. LANGLEBERT.—*Histoire Naturelle*, pag 298]

Da ermida a modesta sineta
seis horas da manhã batia
e a nat'reza toda sorria.
Uma galante borboleta
poisava sobre uma violeta;
era tão formosa e magnética
que n'uma decima poetica,
humilde como a minha,—tê
imp'ssivel descrevel-a é.
Mui pobre decima poetica!

Casta borb'leta, que me queres?
tens graça, encantos attrahentes,
azas cõr da neve, lizentes;
tens, emfim, tudo. Que me queres?
roza, violeta e malmequeres,
todas tres consagram-te amor,
e fresco, peregrino olor...
E tu quando colhes o mel
um rapazinho, —alma sem fel—
pára e contempla-te co'ardor!

Tu és formosa como a luz,
como uma innocencia ledá;
pois a tua vida sempre treda
não tem o calvario, nem cruz,
e nutre a graça que seduz
a chamma que atica sem fim
d'esbelta rainha do jardim
o meigo pist'lo.— E's feiticeira,
és merecedora da inteira
sympathia da gente e de mim!

Voa, foge, borboleta maga,
vae—aos flizes do mundo—ser
nuncia d'alegria e prazer;
busca a quem a illusão affaga
e a sorte com dureza esmaga.
Tu, que sempre foste sympathica,
visita a donzella que extatica

medita... sim talvez no amante
que a deixou de vez—deplorante!
Vae que p'ra isso tens grito e tactica

Mas, quem te brindou essa graca,
essas cõres e mil carioes
quo das flores almas delicias
fazem?... Quem na diurna raça
das m'riposas—tribu escassa
dos lepidopteros—te c'locou?
Qual a mão que te debux ou?
Oh!... mysterio! Não me respondes...
porém, creia que não me escondes
que foi Allah quem te creou!

[Leituras Amenas, no 5]

1893

O NATAL

(fragmento)
E andarão as Gentes na tua ilha,
e os Reis no esplendor do teu nas-
cimento

[Isaias, cap LX, v. 3.]

..... uma multidão nume-
rosa da Milicia Celestial, que louva-
vam a Deus e diziam: "Gloria a Deus
no mais alto dos Céos, e paz na terra
aos homens, a quem elle quer bem"

(S. Lucas, cap. II, v. 13 e 14)

.....
Tempo em que Herodes feroce tyranno,
qual Dionysio syracusano,
empunhava soberbo o gran' sceptro
da Judéa, e passava bem fatto
e escand'oso todo o seu reinado;

..... quando mesmo esse rei impostor,
à feição d'um Nabuchod'nozor,
queria por força ser adorado
por seus subditos que nem pintado
e queriam ter ante sua vista...

..... Deus, maguado o deveras cançado
de ver tal abuso, il moderado
câ materia, envio-nos o Messias
que, segundo preuisse Isaias,
nascer na cidadella "Bethlem".

Maria, filha gentil da Jessé,
com seu velho consorte José,
respeitosa, contente, vivava
o MENINO que se reclinava
no seu seio de virgem, sagrado.

E lá entr'os modestos pastores,
n'um tugurió vil—berço de fibres
e de palhas—; n'aquelle innocencia,
(oh!) como a celestial Providencia
não fechou o seu mago esplendor!

E lá no meio da feia mentira,
da tempestade, do rei os raios d'ira,
dos rigores do frio apertado,
que martyrios o Deus Humanano
co' humildade exemplar não provará?

Legisões graves d'anjos entoam:
“hosanna! hosanna! Os valles ecoam
Satanas e sua corte no Averno
treme já; porque Christo Semp'erno
abraçar vem o genero humano!

Guiados p'lo oriental, formoso astro
em lindíssimos cofres de al'bastro,
trazem os Magos mhyrra, incenso, oiros,
e lá vão depôr os seus thesouros
e coroas aos pés do REI dos reis!

Salvei oh, facho de nova lei!
Tu, que vens tirar a pobre grey
do vil bárathro da corrupção
e das algemas da sujeição!

E curvaes-vos, oh! grandes do mundo,
ante o dino mysterio profundo! (f)
Curvaes-vos, ledos, povos da terra,
ante humilde presepe que encerra
o Messias, da estirpe— David!—
1883 (O Crente, no...)

O TEMPO DA SECCA

(IMPRESSÕES)

I

Corre o mez de junho. O sol vai ardente,
a terra melancolica e seus montes
a estuar. Demanda o homem as fontes
para molhar o seu corpo candente.

Do sombro a relva se vê já secar.
Muitos poços se queixam d'exauridos.
Grande desgraça! prados tão queridos,
e bellas sementeiras a expirar...

Homem,—d'uma crença e fé tão subidas—
tu qu'elevaste ao Santo(+) as tuas queridas
orações, creia que foste attendido;

Deus te dispensará bens previdentes,
teus predios tornar-se-hão viridentes;
então admirarás o succido!

II

O tempo desliza; a secca adianta;
as arvores despiram sua folhagem.
Faz calor de rachar. Nem uma aragem
aprazivel a natureza encanta!

Nos bosques nem o alado bando canta
com mélida alegria e camaradagem.
Os seres estão lassos,—sem coragem;
em turbilhões infrenes se levanta

a poeira na rua por onde o gado
passou expelliendo um rouco mugido;
e o céu lá cada vez mais despovoado
de taes nuvens numiberas tem sido
p'ra gente um desespero continuado.
Dá, Senhor, chuva que tanto ha pedido!

III

Nos ares—oh!—nem passa
o colibri qu'esvoaça;
nem a corrida caça
que os oiteiros devassa,
acha a sombra da mouta
onde bem se aconta;
a SECCA é tão marota
que tudo opprime e açonta.

Sómente uma cigarra
doidejante s'agarra
de canna á verde vara;
...e lá de tarde um pouco
s'ouve o seu canto rouco,
febril, insulso e louco!

(f) E' pela intercessão de Sto. António que a Deus aquela
costuma impetrar chuva, quando a estiagem seja completa.
No anno em que escrevemos estes versos não chovera até ao
dia 27 de junho [N. de A.]

Já do sol os ardores
devem desapparcer...
e a sexta de frios
lhos virá succeder.

Já os plumeos cantores
hão do nos entreter
com sua canção d'amores
de matar e morrer!

Já a nimboса fumaça
no céo desenhar-so-há,
e a sécca hade morrer...

O sol terá luz baça,
e por ordens d'Allah
começará a chover!

1801

(O Tribuno, no. 31)

A REDEMPCAO

(MINIATURAS)

...Et inclinato cepite traddidit spiritum
(Joan cap. XIX, v. 30.)

Co'a cabeça pendida, agonisante,
havia dito seu derradeiro adeus,
—symbolo de quanto ha dino e radiante,—
o eminent Propheta, o Homem-Deus.

Tremeu a terra em seus gonzos mesquinhos,
envolveu-a um negror,—triste sudario;
transformaram-se em mortalha os arminhos,
desde Gethsomaní até ao Calvario!

Ai ! que horror ! que barbaro momento !
Maria sentiu-se sem nenhum alento,
murmurou entre susgos:—“ ai de mim ! ”

E o centurão rondo a hostia d'innocencia
imm'lada batedou com mico na conciencia;
—“Só o Filho de Deus sofrer pôde assim! ”
(Almanach de Recreio do sr. Coelho, 1863)

OS DOIS CEGOS

(FRAGMENTO)

Era noite, —se bem me lembro—foi no abril,
Silencio tão profundo, escuridão sem fire,

negra como o céu e soturna qual Caim,
vinha de derrotas e feras.

Uma muí febril
péga travassou doce regos alambazados,
pobres coros! ehi, apagados das tres costados,
na esquina da praça da Praia. Alto e bom som
dizia um:

—“Aí tem duvida é lua-cheia”
—E' impossivel, lua nova deve ser hoje... o mt
observava o centro da cara rapada e feia.
■ andaram ambos lá palpando os barrancos,
raugendo os dentes, arrastando sens tamancos
E p'ra advinhar se a noite era escura o brilhante
correvam os seus punhos e davam-se a perros,
e à medos da panthera feroz e irritante
deitavam d'imo dos boscios roucos berros!

Imaginavam os diletanti d'esta scena
que os dois homens doutores eram n'astronomia;
“E que, emfim, uma voz do grupo assina rompe:
—“Vê que olles digladiam-se como n'uma arena
co'ulagens do reber ! ”

—“Haverá por ventura
n'olles algum mysterio?..., uma outra retorquia
—“N'entram de vocês disse direito—acordia
uma terceira voz;—pois está-me parcendo
que “vira por c'â a meig'aragem da Ventura
e que Laplace, Huygholdt e Arago falecendo
pada, sim, tem lá que perder a humanaidade,
pois qu'os talentos são iguaes ás estrelas
que surgen umas ‘por outras e sempre guardam
a mesma distancia com regularidade:
portanto no pé om que as coisas ora se acham,
criar deve o Governo na Universidade
duas cadeiras d'astronomia;—depois vê-las
confidadas (se não por mer'to—por caridade!)
a esses dois homeus com suprema competencia
p'ra ensinar.. E hurrah dos astros a Scienzia ! ”

No cabo d'este disólogo, tão prazenteiro,
ao diletanti terceiro
a doce p'lavra nos labios arrefeceu.
O que foi, que succedeu?
atrapalhou'se a lingoa—triste sobressalto;

No entretanto a disputa tocou ao seu auge,
e os dois cegos de corage'
tão incendidos e furiosos como o gato,
passam á vias de facto.

Não podia ser outro o desfecho d'uma p'lemica
eivada d'erros,—anemica!

Mas... de sopeito o vulto d'um tarimbeiro,
que além dormia tão zorreiro,
põe o taco à rixa, e julgando-os uns borrachos
bradou:

—“Alto lá, sós cachos!,”
E em seguida apontou-lhes o andar fagueiro
do celebre Limoeiro!

::

Suniu-se a noite. Despontou a manhã tão ledia!
Uma egual já não viu a patria d'Espronceda,
a de Goethe, a de Hugo, a de Manu, a de Dante.
Jámais viu Lisboa um sol tão bello e radiante!

I'orém...um facto que de bocca em bocca ia
do ingenuo vulgo a curiosidade attrahia.
Pois dizia uipa folha: “na noite passada
dois homens na cadea foram b'sear morada!”,
Resava outra: “Hontem á noite (conforme c'ria)
pagaram lá no Limoeiro a bizarria
dois nobres cachos!,”

Varias notas propalavam:
—“a p'licia filou dois frasteiros que bulhavam!”
Estes rumores espalhados á mão tente
dos curiosos mettia em gran' transtorno a mente.
Os diletanti da squina de Santo Hilario
promettiam, por seu turue, pomposo s'larie
a quem lhes explicasse o mysterioso facto.
Ora n'este interin aconteceu que de facto
um galacho qu'então atravessando o Chiado
por 'hi vinha, parou subito e de bom grado
atalhou assim:

—“Já sei que tendes debatido
deveras o grotesco caso acontecido
à noite....,

“Sim; então sabes dizer?,”
—“Pois não!,”

“Dize, que faz favor....,”
—“Oh! Ninguem tem razão
falando com franqueza: nem jornaes, nem vós,
nem boatos saídos da boca da gente atroz;
sómente eu qu'os prendi sei que olhos de morcegos
tinham, não sendo astron'mos, mas uns pobres CEGOS!,”

1892 [A Colonia Goana, vol I, no. 42]

Ante um menino afogado

(IMPROMPTU)

Y sy nos ha de ahagar; sy la del llanto,
La del mar es mejor no amarga tanta.
Carolina Coronado

Tu cuidaste qu'o lago era um bom leito
E descausaste n'elle tranquill'mente;
Fecharam-se as portas da tua fortuna,
Quando a vida sorria-te viridente!

Ai d'alma! perdeste o vital alento
Que rendeste ao furor d'uma corrente.
Que desditoso que não foi o momento
Em qu'ao RAPAZ levou 'hi o accidente!?

1890 (O Goatmá, vol. V, no. 12)

A' CAMELIA

(Convite)

I

Flôr tão meiga, escondida na espressura
d'alabastrinas flores,
porque sepultas a tua formosura
n'este vergel d'amores?

Ai! faz pena q'tescondas essa b'leza,
sendo muito donosa;
quando aliás no jardim és princesa
com a tua cérte mimosa!

Mas quel porque estás tão acanhada?
crê's-te menos qu'a rosa,
que diz pelos favonios beijada:
sou mignonne donairosa!?

Mas quel porque te vês tão arredada?
crê's-te menos qu'a rosa,
que diz n'un rasgo d'altivez—“cercada
sou de cérte pomposa.”?

II

Camelia linda e pura,
da noite triste e escura
e o gelido relento.

te hade, porew, erestar,
melhor farias
de vir comigo,
com teu amigo,
para morar.

Falas ao meu o'ração,
mui rico é o teu condão;
oh flôr tão bella e amada
que a nat'reza creou!

Em ti eu vejo
mão arterosa,
que tão mimosa
ti debuxou!

Nunca creio que calas!
Oh! tão placida exhalas
magnó poder e gloria
do sob'rano Creador.

O teu perfume
ameno e brando,
está clamando:
—“E’ Deus o autor!..”

1889. (A Democracia, no. 52)

O TEU SEMBLANTE

(FRAGMENTO)

*Il mer di sua belleza
é il bel semblante.*

(ZAPPI)

*Tu lanças de ti tres raios
Belleza, innocencia e amor*
(G. BRAGA.—Heras e Violetas)

Desgraçado! quem olhando
o teu formoso ornamento,
não colha com certo ardor
resaibos de sentimento...
“Tu lanças de ti tres raios
belleza, innocencia e amor!”

Sem pompa nem bizarria
a tua modesta candura
Me vao despertar, oh flôr,

meigas ideas de ternura;
teus olhos azues traduzem:
—belleza, innocencia e amor.

Teus cabellos côn de noite,
têm admiravel feição;
teu sorriso encantador
fala logo ao coração.
*Tu lanças de ti tres raios
belleza, innocencia e amor!*

1893

(Leituras Amigas, no. 13)



O POETA

(trad.)

Yo no soy mas que un poeta
Sin otro bien que mi lira.

(Zorrilla)

O poeta sucede á Sôr desolada;
e o seu qu’rido rosto
Produz a dôr d’uma alma inconsolada
Que pede o perdão...

E diz: “Filha dos céus! virgem sem susto?
Pura divindade,
Porque te cumpre confundir n’um liame
A humanidade!..”

1889

(A Democracia, no. 47)



EPITAPHO

No TUMULO DA RAINHA MERCEDES

(Do Campeamor)

É um sonho d’amor sua triste historia
Naseeu; foi grande; sempre p’lida e bella.
Amou; reignou; morreu, e abriu da gloria
o caminho e no olympos ficou ella!

1889

(O Goutma, vol. V, no. 5)



AVE CRUX!

Jus qu'un jour ou des morts percent la route sombre,
Dieux rôit dans le ciel les rappelant sept fois.
Assomble eveillera ceux qui dormaient à l'ombre
Do l'éternelle croix!

(Lamartine—*Méth. Poétiques*)

Em momento de Cruz, logo ressentimos a vida...
(Edward Young—*Noites*)

Quero adorar-te, O' Cruz, porque á saudade
A' saudade dos mortos, que é na terra
Das dôres a peior, tu me apontaste
Onde eu esp'rasse ir vê-los!

[João de Lemos]

.... Et l'humble croix, au pied d'un roc triste,
Annonce au voyageur : « Tu unité plus
du sein de ces deserts et mente des sols leaux.

[Masse' Isidore—*Lettres sur l'Amour*, t. I, p. 62)

I

Tú, dos crentes és tão sublime esp'rança,
nas c'lamidades é só tua lembrança.

Evangelisadora cruz
derramando divina luce

Ao PAE quando no epílogo do drama
o Filho Mariano encommendou su'alma,
compassiva apontaste os ceos,
surgindo no meio d'atros véos!

Nos tous braços d'immenso amor
Por dó segura este pecc'dor...

As orações e aís que um rapazinho
Te dirige e eleva d'um torrão mesquinho,
accepta-os, oh Cruz, e lhe guia,
quando elle—all-de ti se desvia...

II

Eu vejo-te, cruz saudosa,
no cimo do campanario,
hasteada em solitario
local—hirta e respeitosa,
olhando

as gerações e o mundo;
o viajor co'amor profundo
ad'rando

36

que sómente existe um Deus
auctor da terra e dos céos!

Eu vejo-a, sim, e contemplo
na cabeça do sacrario,
como vigia do santuario
em o regaço do templo,
bradando

à tão grata devoção!

Insp'rando
ao peccador ancião
o verdadeiro e bom culto,
desde o ateu té ao estulto!

Eu vejo-a, sim, em o altar
onde o sacerdote dino
diz a missa co'o menino,
de psalmos lá um milhar!

Passando
p'los tum'los do cemiterio,
encontro-a em um tom sério,
clamando:
—“...Está tudo ossificado...,
é reliquia do passado!”

Vejo-a nas mãos do nauta
que ao descahir vespertino,
ou—quiçá—noite alta um hymno,
ante a tempestade inculta,
levanta

à Jehovah; noite e dia
lá no pão da Eucaristia
tão santa;
e sublime e ataviada
do rosario na enfiada!

Vejo-a com o viandante
e com qualquer peregrino,
sempre d'excellente tino,
quando, pois, à ambos bastante
recorda
à saudade da sua terra
que no seu regaço encerra
a corda

la eythara do c'raçao...
Ave! oruz da Devocão!

Eu, por ultimo, implantada
vejo-a em ignotas plagas,
assim no pó como nas vagas,
onde a sinistra lufada
reinou

da barbarie, e do genio
a revolta fio-a-fio
lavrou.

Oh! facho de paz e amor
que aos deu o Salvador!...

III

A sombra da Cruz os cactos, os spinkos,
se transformam em rosas;
Oh! Cruz! arvore da vida,— a tua sombra
quero a vida depôr.
Ó tu podes salvar-me, pois entregue
a ti quero morrer!
A minha esp'rança está depositada
na cruz da Redempção!...

A teus pés é que encontra o mendicante
allivio para a fome,
e viuva lenitivo ás suas dôres...,
o orphão a consolação!

Como é grande, pathetico,
como é eloquente e bom esse poema
da religião de Christo!...

Salve! bendita Cruz do nosso amor!
Sim, tu és o estandarte
e o escudo da milicia de Jesus!
Tu—o forte ou baltarte
sempre impávido contra diabos, reprobos,
atheus, polytheistas!
Guarita do infeliz, sé tambem minha
na vida e no sepulchro!...

IV

Na Sexta Maior o povo aos cardumes
vae pressuroso— como ondas do mar—
mádar o pão que á vida vae dar
o Nazareno, cheio de mil lumes!

O valetudinario sem queixumes,
Oh! que exerto que não começa a andar,

murmurando:—"pesso a campa affrontar
vêr quero a Cruz do Golgotha nos cumes."

Oh! sacrosanto lenho, sempre sejas
bemditó nos altos m'sterios teus,
aos olhos do que vive rico ou pobre!

Quando tu muito afagas ou trovejas,
rasgando a feia veda aos vis atheus,
que brilho novo em ti se não descobre?!

V

... No templo. — Junto do patibulo
agrado prostra-se no chão:
o christão, e com o thuríbulo
nas mãos envia a oração
ao Homem Deus. Sobe em novellos—
mais nevados do que os cabellos.
Um respeitavel ancião,
por entr'umas nuvens d'aroma
na resplandecente redoma,
— o incenso da DEVOCÃO!

Oh! ... que aspecto bello, solemne,
que assi a maginação seduz;
em voz tão singella e perenne
a descrença p'ra crnça induzi.
E poderá o atheu cobarde
contemplar os rubis da tarde,
sem n'elles vêr a Eterna luz
que allivios sem fim... derrama
no peito que incendia a chamma
que lá se esvae aos pés da CRUZ?.....

1891

[O Tribuno, nos. 8 e 4]

SPIRITUS QUI VADIT, REDIT!... (a)

I tell the tale as't was told to me.

SIR WALTER SCOTT.

(a) Este facto que é de longa data teve logar na Slavonia, no castello de Valpo, de que era senhor o bastardo coronel Von Koesth e veio publicado na Gazzeta de Friburgo e no Diário do Rio de Janeiro em 1842.— O facto é verdadeiro e nossa a descrição d'ele em verso, ja se ve, algum tanto condimentada.

(N.º de A.)

*Tutto spiegar non oso
Tutto non se tacer*

METASTASIO.

I

Alta noite — horas certas—
noite escura como tinta,
sem estrellas nem luar,
e lá por salas desertas
(oh ! se não gostam que minta ?)
uma sombra a passear!
Oh demonio ! quem será ?
algum mis'ravel talvez,
que pensou lá por sua vez
em assaltar o castello
de Valpo, a quem um cabello
só, ninguém tira ? ... Quem lá ?

Isso não. — Do campanario
o relogio de soar
meia noite vem. A sombra,
às vozes do sanctuario,
cinco vezes a chegar !
E' phantasma aquella sombra !
Mal ella chega, truz! truz !
que gemitos que não dá,
murm'rando: — "Von onde está ?"
... E nem descançar então.
ousa o nobre castellão,
meu adoravel Jesus !

E o coronel Von Koéth,
— o abastado castellão,—
p'r exconjurar o phantasma
muito a medo bota o pé
á cella do Capellão,
bradando co'uma voz d'asthma;
— "Senhor padre-mestre, acuda,
que n'este escuro salão
á sombra d'um diabão
firme está a passear;
isso é para s'espantar,
pois vem, senhor padre, e acuda..."

O padre vem, mas não ouve
introduzir-se na sala,
vê que lhe trepida a mão
e o sagrado hyssope e couça...
já não presta. Oh ! que cabala,
que susto no Capellão !

A sombra que anda por lá
de sangue nota não dá.
É mais branca qu'os cabellos
d'um velho e dos alvos gelos,
... é tal que faz "ui !" à gente...

O castello em confusão...
mas, ah ! Von toma coragem,
mais propria dos texugos,
chamar o santo varão
manda lá por um seu pagem.
Ele vem, Von diz: — "Verdugos
não são VISÓES d'hora má,
só victimas mostram ser;
não tentes por Deus requerer,
oh padre ! Pelos vallados
deixa-a correr seus fados,
que a sombra, ella s'irá !"...

II

Entrementes o nefasto
phantasma o assento tomou,
• juncto de si o padre
• e o bom castellão chamou..

Trajava-se á gentil turca,
o seu semblante par'cia
de mulher; um longo véo
até aos pés lhe descia..

Por fôra trevas espessas
• muita chuva a tombar,
• lá dentro as castellões
de susto a arripiar !

E qual não seria o espanto
que lhes tirava a alegria,
quando aquele negregado
espectro assim proferia:

— "Senhor castellão Koéth,
não teme. Na b'nificencia

do seu carácter confiada
faço, p'rém, uma exigencia
"A'mil pessoas chegada
(o phantasma concluia)
de mim fugiam; ninguem
pôde saber...o que qu'ria !,"

— "Que exigencia é, pois, a sua?"

— "Se me dê licença, digo,"

— "Oh! Pudera!...Continua,

— "Desejava que o Senhor
mandasse deventerrar
os meus ossos, e os fizesse
em sagrado repouzar..."

— "Ah!...sim! só desejava isso?,"

— "Veja se faz esta graga,"

— "Mas onde paraí os ossos?"

— Hi...atraz do seu castello...,

— "Que lhe importa que seus ossos,
fiquem n'aquelle logar?"

— "Perdão! Fui assassinada...
meu enterro foi á moiro!,"

— "Ah! quer enterro á christão?,"

— "Só esta misericordia....,

— o —

Assim acabou a alma d'outro mundo,
com arataamento e respeito profundo.

A parafusar...stava o sancto varão,
bem assim o nobre, e op'lenho castellão

Algido suor lhes cobria o semblante,
tornando-o luzido, flavo, radiante.

Immersos, em fim, n'um indizivel susto,
elles (oh) rompiam plavra muito á custo.

Como o facto relatado
dava visos de verdade,
ordenou o castellão
cavar no sitio marcado.

A' dois pés de fundidade
encontrou-se com effeito
um esqu'leto feminino
tendo seis bolas no peito!

No dia quaforze d'ultimo dezembro. (b)

— dia sereno e claro —
foi depositado o dito esqueleto
na vetusta Capella do castello,
depois de se lhe haverem estâ clare —
de costume feito,
exequias solemnes e soberbas.

III

E' noite do dez'no've[c] Faz um frio de rachas.
Sacode o austro com infreno, e terrivel sambas
as vidragas d'sbelha sala. O m'obha apiar
E na rua, talvez, o transenteira chuva apanka

Tudo no castello dorme
um morpheu pesado, enorme.
Apenas o coronel
se não acha adormecido.
Meia noite está a dar,
a mesma sombra a chegar !

— "Quem lá!, diz Von sobr'saltado
e accedendo um castiçal

— "Uma serva!" — replicou
civilmente o tal phantasm.

E o nobre castellão em nada se embargou
a recebel-o d'esta feita, mas ao contrario
apontou-lhe o divan, e logo principiou
a conversar...com sangue-frio extraordinario

A conversa prolongava,
Von nem mesmo se abalava
lá do seu assento...; — eis quando
um diáloguito abru —
a tal alma do outro mundo,
inclinando-se profundo:

— "Senhor c'ronel, os meus restos
quel-os vêr n'un cemiterio..."

— "Vá socegada, por quanto
vae isto de minha conta..."

Apenas o c'ronel assim falou
a sombra se retirou!

[b] Dia 14 de dezembro de 1841.

[c] Era noite de 19 de dezembro do mesmo anno

Inda jazia
na lethargia
a castella
fidalga gente;
Silencio gran
no orbe reinava.
Nenhum vivente,
ninguem sabia,
o que havia
'hi sucedido
entre a visko
e o castellão...

Cumpriu-se, pois, a ultima vontade
do diligente phantasma.

IV

Inda uma vez,
o tal phantes ma
deitou os pés
ao costumado
sítio—salto
do affeitoado,
bom castellão—
sob o pretexto
d'agradecer
o tão notável
servigo feito,
d'un agradável
modo,—a valer;
e nunca mais
appareceu!

Muito civil
nos pareceu
e de boa casta
est' alma d'outro
mundo. (Não basta?)

Do que levamos dito—d'este FACTO,
hoje em dia só idéa
se conserva entre gente
de distincção e d'assaz fino trato.

ANARCHISTA?

A' porta d'uma misera taberna,
um pobre diabo de nome Thadeu
se via sentado, n'uma noite hiberna,
a parafusar...em que, sei lá eu?

Tinlia juncto de si uma lanterna;
no bolso a descarnada mão mettia,
trou d'elle um punhal "Vinganca eterna";
exclamou co'indiff'rença d'un atheu:

Depois ajuntou:—"o officio de padreiro
é máo; vou ver se o juiz municipal
me protege, fazendo seu cacheiro;
Se o não fizer, se desprezar-me a mim,
co'esta lanterna, com este punhal
farei incendios e mortes sem fim!!!

(Alm. Literario do sr. Borges, 1895).

DOLOR!

(imitação)

No fallecimento do meu chorado amigo
Jeronymo C. de Souza Miranda,
a 10 de agosto de 1889.

Oh! dichoscs mil veces! si dichoscs:
Los que podeis llorar.....

Espronceda
(Ovid.—Trist. lib. III, eleg. 7)
Ha pouco o rizo, agora o luto e a morte!
A. X. Rodrigues Cordeiro.

O astro-rei brilha formoso entre nuvens,
nas copas das palmeiras briaca o Zephyro.
A bons espaços fuzila o relampago,
e ouve-se ao longe...não, ao pé de mim
um trovejar prolongado e soturno!
Aumentam-se as nuvens na atmosphera;
se escurece e d'abóbada dos céus
se despedem fagulhas d'ouro, electricas.
Sopra fremente o vento o ruim, noticia...
que inspira dó para nos meus ouvidos.
Que será? Pae do céo! cahira um raio?

Onde? foi fulminado um pegureiro?
Qual? Nada disso; triste é a notícia,
— bem triste sim, porque me participa
a morte d'um collega, d'um amigo!
Ai! que pena! que lastima sem fim...

Irral a morte, que insaciável fera!
A Libitina folgou de pairar
sobre a cabeça do pobre doente
e arrançou-o sem dó nem piedade
do seio qu'rido e precioso
da inconsolável família.
Ai! que negra e cruel fatalidade!...

Vas ligeira a catraia em mar de prata
com velas enfrauadas p'lo galeno:
O palinuro e a tripulação inteira
vão percorrendo absortos o Neptuno;
descantes ledos ha na quilha dentro
e no tombadilho E' tu o fagno! i
Mas, subito o vento virou, e sopra
de prado; agita orações murmuradas
a tripulação cheia de pavor;
começa o mar a mornilhar as ondas,
e ao depois é medonho, meu Jesus,
irremete o furacão e dá os golpes
no indefeso madeiro. Enorme bântoro
escancorou as gúellas e o devorou...
Ai! que negra e cruel fatalidade!...

Infeliz mancobel! Em que dia
por decreto de Deus crise exame!
A Clotho inexorável o malvista
cortou o delicado fio da tua alma,
quando apenas regava soridente
pela quadra vernal dos teus vinte annos.
— quando mesmo a vida seria p'ra ti
os loiros... e os eucantos tentadores.
Morreste no desabrochar da vida!
Ai! que negra e cruel fatalidade!

Morreste n'um suspiro dece e brando
— como a brisa que de tarde cieia
na rama dos ciprestes,— cimo o threno
que se desprende d'arpa d'um Sraphim.
Morreste— qual cezem que se desmara,
espargindo no orvalho matinal
fragrâncias d'esseuicia casta e fina,
— como, em fim, a Delia em noites d'estio
que resvala indolente, mas doces,

p'los campos diaphanos... Assim morreste!
Ai! que negra e cruel fatalidade!...

Quem teria imaginado o teu decesso
em annos tão verdes? — Quem me disse
que deixarias este valle de misérias
no florir de juventude?
Quem teria assim imaginado!
Quem assim m'o teria dito? //

Eu lamento-te com muita saudade;
tu eras meu sincero companheiro
de estudos, de pezares e alegrias
Agora, tudo lá se foi... Morreu!...
Também as tuas meigas confidencias
que na mem'ria retenho, todas jazem
comigo no tumulo! Tudo é morto!...
Ai! que negra e cruel fatalidade!...

Adeus, collega... No entretanto a terra
te seja leve. Dorme entre ciprestes...
— Ah! tens a sombra tão grata, amiga,
da eternidade sem fim!...

(A Democracia, no. 45)

A FEITICEIRA

Já viram mais risivel velha!
Que sarcoteios!...

(Shakespeare)
Depois do diabo e do cura, a feiticeira
é para o camponez o ente
mais respeitado e temido.

(França Pittoresca, t. I, pag. 216.)

Figurae uma d'estas torpes velhas
de corpo gebado e queixos calidos,
nariz aquilino e feio, dentes saídos,
densas, torvas e niveas sobrancelhas

Longas, hirsutas, squálidas guedelhas
e povoa-se os homens encolhidos,
mãos sumidas dedos retorcidos,
os olhos despedindo mil centelhas...

Eis o esboço d' aquella vil Megéa,
delneado sómente a carvão.
O homem sisudo ao vê-a, diz:— “que fera! //

① vulgo ao vél-a empunhar o bastão,
benze-se e diz:—“Salve! mulher austera,
mais poderosa que o rei Salomão!!!”

1894 (O Correio da India, no 519)

A Senhora de Bom Parte

*Virgine Madre, Figlia del tuo Figlio
sustine.....*

(Dante—Divina Comedia)

Louva-se sol e lua a Senhora, porque a Senhora é escolhida como o sol e formosa como a lua..... Louva-se raios e relâmpagos a Senhora; porque ella é o resplendor claríssimo e efficasíssimo de luz da divina graça.

(Pe. M. Bernardes—*Luz e Calor*)

Senhora: tu és tão linda e formosa
como a timida flor
que nos desertos aridós, qual rosa,
exhalha fresco olor !

E's tão pura, qual alma de teu filho;
é fôco da belleza,
esplendoroso, superior no brilho
á opala de Venezuela!

Ao teu nome sem mísula, glorioso,
trepida o negro Averno,
trepida também a torra, e o furioso
temporal faz-se temer;

Tua effigie que inspira mil carinhos
—lyrio de santidade
que viceja por entre aperos spinhos—
adora-a a humanidade.

Sê, oh! senhora, nossa protectora;
dá ás nães feliz parto
como o ten, quando de Jesus auctoraz
—eis nosso des'jo farto.

Muita graça dà-nos, Senhora sancta,
Que nos despreze o mundo
não faz mossa; mas quer a gente tanta
teu abraço profundo!

(1890)

(A Opinião Nacional, no. 17)

O MUITO MUITO

(da carteira de um estroïna)

Dadme vino: en el se ahoguen
mis recuerdos, aturdida
sin sentir huys la vida;
paz me traiga el ataúd.

(Espronceda)

Existe ainda cá n'esse meu peito
Da orgia tão seco o fogo activo;
Inda contravontade minha eu vivo.
Danjo ao vinho e ao prazer grande respeito.

Até, meu grado meu, culto perfeito
Ao jogo prêsto. Do MAL o motivo
Vendo, o meu coração d'amor captivo
Na vil escravidão vive satisfeito.

Se algum dia sujas pragas —ai! —en solte
A minha vida atrada: entro me admirar
Do que lá fiz, e a consciencia volte.

Por vds, oh Bacco e Cúpido, eu respiro...
Pois crêde, de certo, que em preto envolto
lirá vogta idea co'o final suspiro!

(1890) [G. Investigador, no. 25]

FIM

ERRATAS NOTAVEIS

| Pa gina | l inha | Onde se lê: | Corrija-se |
|------------|-----------|---|--|
| 3 | 22 | d'avar'za, erguei o sudario... | deav'reza, erguei o sudario... |
| 5 | 1 | Ai ! minh' alma, que lactuoso dia! | Ai ! miuh' alma, que lactuoso dia! |
| 5 | 20 | para casa com impressões funestas | p'ra casa com impressões bem funestas |
| 6 | 12 | "Irmão—diz este—abjurares teus via pecados | "Irmão—diz este—abj'races teus via peccadinhos!" |
| 9 | 28 | Sendo Mae vê o Filho no cruzeiro | Sendo Mae vê o Filho no cruzeiro, |
| 16 | 34 | ante humilde presepe que encerra | ante o humilde presepe que encerra |
| 17 | 6 | tu qu'elevaste ao Santo as tuas queridas | tu qu'elevaste ao Santo as tuas qu'ridas |
| id. | 15 | apravizel a natureza encanta! | anuera e branda a natureza encanta! |
| 13 | 16 | havia dito seu derradeiro adeus, | havia dito o seu derradeiro adeus, |
| 19 | 10 | rangendo os dentes, arrastando seus tamanhos | rangendo os dentes e arrastando os seus tamanhos, |
| id. | 11 | E p'ra advinhar se a noite era escura ou brilhante, | E p'ra advinhar se a noite era escura ou brilhante |
| id. | 28 | a mesma distancia com regularidade: | uma distancia mesma com regularidade: |
| 20 | 23 | Estes rumores espalhados á mão tente | Estes rumores tão espalhados á mão tente |
| id. | 23 | Ora n'este interin aconteceu que de facto | Ora aconteceu n'este interin que de facto |
| 24 | 6 | o Filho Mariano encomendou sua alma, | o Filho da Maria rendeu sua alma |
| 29 | 1 | O padre vem, mas não ousa | O padre sás, mas não ousa |